



cultura & informação

A REVISTA DO SABIN

1º trimestre letivo 2017 – ano XXIII – n° 66



AB SABIN
Ensinar é criar. Associações.

AS COLÉGIO ALBERT SABIN
Ensinar é criar oportunidades.

Aprender a incluir

Em 1950, quando foi criada, a Associação de Assistência à Criança Deficiente tinha outro nome. A sigla era a mesma – AACD –, mas em sua origem significava Associação de Assistência à Criança *Defeituosa*. Apenas em 2000 a instituição atualizou uma terminologia que havia se tornado inadequada e ofensiva.

Cito o fato para ilustrar como a causa de uma sociedade inclusiva implica aprendizado constante mesmo entre seus maiores defensores. Como orientadora educacional, tenho me envolvido há mais de uma década com o tema da inclusão; mais especificamente, da educação inclusiva. Posso afirmar, por haver testemunhado em escolas onde trabalhei e por haver estudado o assunto – que inspirou minha dissertação de mestrado –, o quanto a sociedade aprendeu, corrigiu-se e evoluiu em seu entendimento da realidade vivida por pessoas com deficiência.

Tenho acompanhado os avanços nos diagnósticos de deficiências intelectuais, transtornos mentais e distúrbios de aprendizagem. Tenho acompanhado os movimentos que conduziram nossa sociedade da visão excludente de excepcionalidade aos esforços por integração; e, mais adiante, ao paradigma atual da inclusão. (A diferença entre integração e inclusão, grosso modo, dá-se pelo reconhecimento de que não é obrigação da pessoa com deficiência adaptar-se à sociedade, mas sim, que é dever da sociedade tornar-se acessível para todos.) Celebro as conquistas consolidadas pela Lei Brasileira de Inclusão, em vigor desde 2016.

Tal experiência me faz ver com bons olhos iniciativas recentes do Sabin, das quais tenho feito parte. Estou no Sabin desde 2013. Sei que o Colégio sempre cuidou de atender seus

alunos em todas as necessidades, incluindo aqueles com deficiência. A história do Sabin conta com vários casos em que adaptações foram feitas – no material didático, nas tecnologias assistivas, na abordagem dos professores – para que alunos superassem barreiras à sua formação. Mas também sei que é sempre possível aprender mais sobre o assunto e aperfeiçoar práticas. Adquirir base teórica, até para sustentar medidas que já eram tomadas de forma menos sistemática.

Foi por isso que aceitei a proposta que me foi feita pela Direção, em janeiro, de liderar os estudos e reflexões sobre inclusão no Colégio. Também em janeiro o neuropediatra José Salomão Schwartzman falou sobre o tema ao nosso corpo docente. O objetivo foi o mesmo: transmitir informação e estimular um olhar mais cuidadoso sobre a educação inclusiva, que reverbera tanto na elaboração da proposta pedagógica como no dia a dia em sala de aula. É fundamental entender, por exemplo, como atitudes ou termos inadequados (“apesar de deficiente, é bom aluno” ou “ele se dá bem com os colegas *normais*”) comprometem o processo de inclusão do aluno na comunidade escolar.

Principalmente, é essencial lembrar que atender um aluno com deficiência não é muito diferente do que fazemos com qualquer outro. Todo estudante tem necessidades educacionais. Se decorrentes de alguma deficiência ou não – se uma visão subnormal, uma mobilidade reduzida, uma dificuldade de aprender Matemática ou de se socializar –, nosso compromisso é o mesmo. Dar-lhe as condições e oportunidades necessárias para que realize todo o seu potencial.



Elaine Ramos
Orientadora Educacional
do Colégio Albert Sabin
eramos@albertsabin.com.br



Buscando referências

Revista do Sabin,
1º trimestre
letivo 2017
ano XXIII – nº 66
Na capa:

Lucas G. M. Alves,
Camila Z. Rodrigues,
Guilherme S. B.
de Souza e Isabella
N. Corradini,
alunos da 3ª série
do Ensino Médio,
reproduzem a
célebre capa do
álbum *Abbey Road*,
dos Beatles.

4+5



+ Conversa Paralela

Consultora aponta desafios e oportunidades do mundo do trabalho

6+7



+ Educação Infantil

Para colocar a criança no centro do aprendizado

8+9



+ Fundamental I

Novos materiais de Ciências instigam a curiosidade dos alunos

10+11



+ Fundamental II

O movimento *maker* invade a sala de aula

12+13



+ Ensino Médio

Um raio-X do Ensino Médio do Sabin

14



+ Idiomas

Nas aulas de Inglês, a música como instrumento pedagógico

15



+ Esportes & Cultura

O que significa o conceito de Escola Ativa

16



+ Encantamento

Pai de alunos ajuda atletas do Pequenininhos do Jockey

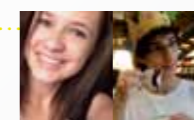
17



+ Diagrama

O Sabin em números

18+19



+ Livre Expressão

Grafite e pixação: arte ou contravenção?

20



+ Criar Oportunidades

Degradação e ressurreição do Parque das Neblinas

EXPEDIENTE

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.

Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br –
Colégio AB Sabin. Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br – **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTB 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Fotografias:** Rodrigo Jacob **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Aparecida Masson **Produção gráfica:** Ricardo Gomes Moisés **Impressão:** Flor de Acácia – 5.000 exemplares. **Distribuição gratuita.** 1º trimestre letivo 2017.





Maíra Habimorad
CEO da Cia. de Talentos

Tempo de se reinventar

VELOZ. CAÓTICO. IMPREVISÍVEL. QUANDO A CEO DE UMA DAS MAIS RESPEITADAS EMPRESAS DE RECRUTAMENTO E DESENVOLVIMENTO DE PROFISSIONAIS DO BRASIL DEFINE DESSA FORMA O MERCADO DE TRABALHO DO SÉCULO XXI, JOVENS PRESTES A INGRESSAR NA UNIVERSIDADE FAZEM BEM EM OUVIR O QUE ELA TEM A DIZER. À FRENTE DA CIA. DE TALENTOS – CONSULTORIA QUE COMPLETARÁ 30 ANOS EM 2018 – **MAÍRA HABIMORAD** PODE DIZER QUE JÁ VIU E APRENDEU MUITA COISA SOBRE RELAÇÕES PROFISSIONAIS E O MUNDO DO TRABALHO. MAS MESMO ELA SABE QUE, NO RITMO EM QUE ESSE MUNDO SE TRANSFORMA HOJE, NENHUMA BOLA DE CRISTAL É 100% CONFIÁVEL. O QUE PODE SER MOTIVO DE APREENSÃO PARA MUITOS, PORÉM, PODE SER VISTO COMO OPORTUNIDADE. É O QUE A CONSULTORA ENSINA NESTA ENTREVISTA, NA QUAL REFLETE SOBRE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS, ÉTICA, A GERAÇÃO *MILLENNIALS* E UMA NOVA ECONOMIA QUE, PARECE, VEIO PARA FICAR.

Que habilidades serão valorizadas no mundo do trabalho do século XXI? Qual a importância das competências socioemocionais?

Importância absoluta. Hoje, o mercado busca um profissional que mostre resiliência, curiosidade, pensamento crítico, capacidade de colaboração e de resolução de problemas. Que saiba filtrar tantas informações disponíveis e fazer escolhas. Além disso, o universo do trabalho está cada vez mais imprevisível; portanto, saber se adaptar é fundamental. Seguindo essa lógica, as habilidades mais valorizadas no século XXI serão: **orientação para resulta-**

dos (alto nível de expectativa quanto às próprias metas); **comprometimento** (autodisciplina e envolvimento no que faz); **liderança** (capacidade de influência sobre outros, assertividade); **orientação interpessoal** (facilidade para construir relacionamentos positivos, interesse genuíno pelo bem-estar do outro); **adaptabilidade** (capacidade de lidar com situações de pressão sem perder a calma e a autoconfiança, e de aprender rapidamente e aplicar essa experiência em novos desafios); e **inovação** (não conformidade com mais do mesmo, curiosidade, busca por novas soluções para problemas antigos).

No geral, escolas e universidades têm formado profissionais com essas habilidades? Se não têm, como isso pode ser feito?

As escolas e universidades não formam profissionais com essas habilidades. A realidade exige que eles estejam sempre em busca de autoconhecimento para desenvolver as habilidades que lhes faltam e potencializar aquelas que já possuem. O mercado de trabalho até tenta corrigir essa lacuna – prova disso é o tamanho do mercado de T&D (Treinamento e Desenvolvimento). Em 2016, por exemplo, o volume de horas de treinamento por colaborador, no Brasil, foi 33% superior ao registrado no ano anterior: subiu de 16,6 horas/ano para 22 horas/ano, em média, segundo levantamento feito pela ABTD¹. Mas, por mais que as empresas invistam em T&D, muitos aspectos comportamentais deveriam ser formados na base educacional, porque se torna difícil, depois, formar comportamentos como resiliência, por exemplo.

Existem características geracionais comuns à maioria dos *millennials*? Quais são e como são vistas pelo mundo do trabalho?

O estudo das gerações é algo importante, porque, apesar de termos uma individualidade, somos resultado de um coletivo influenciado por inúmeros fatores, como economia, política, educação, mercado de trabalho. Cada geração, então, é retrato desses fatores. Pode soar como generalização, mas há aprendizados importantes a se ter com esses estudos, como o de que *millennials* buscam um trabalho que faça a diferença no mundo – isso inclui desde algo com grande impacto social até algo que gere muito retorno financeiro ou sucesso. Além disso, eles estão buscando um equilíbrio entre vida pessoal e profissional; estão mais conectados com o aprendizado que ganham do que com cargo ou remuneração; e buscam estruturas menos hierarquizadas, com mais flexibilidade de horário, vestimenta, atuações e inclusão de variados tipos de pessoa (diversidade racial, de gênero, idade, nível socioeconômico, etc.). Há também uma dificuldade de análise crítica sobre conteúdos, devido ao excesso de informações; uma dependência da tecnologia para a construção de relacionamentos e de ideias; e uma ansiedade para as coisas acontecerem rapidamente. Isso traz alguns impactos, como dificuldade de concentração e a necessidade de fazerem várias coisas ao mesmo tempo, para se sentirem “úteis”, ou, então, uma postura mais passiva, porque se

sentem entediados. O mercado de trabalho tem tentado direcionar suas estratégias de atração e retenção para atender às necessidades e preferências dos *millennials*, mas isso acontece em um ritmo diferente do que a geração espera. Ou, ainda, de uma maneira mais física (ambiente de trabalho) do que, de fato, estrutural, no modelo de negócio e de gestão de pessoas.

Qual a importância de valores como ética, consciência socioambiental ou respeito à diversidade?

São essenciais não apenas no universo do trabalho, mas na vida. A credibilidade profissional não se restringe a conhecimentos técnicos adquiridos e à competência na execução de tarefas; é preciso ter caráter íntegro, que possa ser respeitado por todos que compõem a organização. Além disso, ter respeito pela diversidade é cada vez mais urgente. Cada vez mais as equipes de trabalho são compostas de pessoas de diferentes origens e culturas. Não podemos esquecer que estamos em um país com dimensões continentais – equipes compostas de pessoas de diversas regiões é realidade cada vez mais presente.

Fala-se de uma chamada “economia de projetos”, em que o profissional estabelece vínculos maiores com projetos pontuais do que com empresas. É um movimento irreversível? Quais os maiores desafios do modelo?

Acredito que seja um movimento irreversível. O maior desafio, a meu ver, talvez seja também a maior oportunidade: a capacidade de se transformar junto desse futuro do trabalho que estamos enxergando. Em um estudo global recente que realizamos, elencamos tendências que já estão presentes no universo do trabalho, alterando a forma como organizações e profissionais atuam. Uma delas, por exemplo, aponta que há forte questionamento dos vínculos de trabalho, e, impulsionadas por jovens profissionais, novas relações vêm sendo propostas. Observamos o *freelancer* cada vez mais como opção de carreira e não como trabalho temporário, por exemplo. A ascensão dos valores e repertório variado, como arte e cultura, para lidar com o caos, também farão parte do futuro do trabalho. O *design*, por exemplo, tem substituído a estratégia como forma de criar futuros e novos negócios. Tudo isso é oportunidade para novos modelos, novas ideias e realizações.



Aprender fazendo

Estratégias de planejamento e condução de aulas colocam a criança no centro do aprendizado.

Bolo de rolo. Sombrinhas coloridas. Um frevo tocando no aparelho de som. Uma bandeira em que figuram uma estrela, um arco-íris, um sol e uma cruz. No início do ano, acompanhar as aulas do Maternal I do Colégio AB Sabin era como embarcar numa viagem a Pernambuco. Em vez de lembranças e comidas típicas, porém, o que os alunos trouxeram de volta na bagagem foram aprendizados – e não apenas sobre a cultura e a história pernambucanas.

Parte de um projeto mais amplo batizado de Culturas de Lá e de Cá, implementado em todas as séries do AB Sabin – cada uma com “destinos” diferentes –, as aulas foram planejadas para ter uma abordagem interdisciplinar, usando o tema da viagem como mote, uma fonte de experiências concretas geradoras de novos conhecimentos diversos: gastronômicos, musicais, matemáticos, linguísticos. Ao prepararem bolos de rolo na cozinha do Colégio, por exemplo, os alunos se viam lidando com conceitos matemáticos básicos, como quantidade (“vamos pôr mais farinha?”) e formas geométricas (“essa fatia de bolo é redonda ou quadrada?”). Já as sombrinhas de frevo e a bandeira de Pernambuco eram tanto símbolos culturais como recursos para apresentar as cores azul, amarela, verde e vermelha. O mesmo valia para os “viajantes” das outras séries, que

“visitaram” países como Itália e França (Maternal II) ou Turquia e China (Pré I).

O projeto é exemplo de uma modalidade organizativa – uma forma de organizar os conteúdos trabalhados – que reflete a proposta pedagógica tanto do AB Sabin como do Sabin para a Educação Infantil. Além da interdisciplinaridade, as aulas do segmento costumam ser planejadas de forma a criar um espaço de descobertas orgânicas: o aluno se sente menos um ouvinte/observador passivo do que a professora tem a dizer/mostrar, e mais um investigador ativo dos temas trabalhados. Nesse espaço, conceitos como situações-problema, formulação de hipóteses e valorização de saberes prévios (“Quem já ouviu falar da China? Ah, seus avós são de lá? Bacana, o que você pode contar para seus colegas?”) colocam os alunos no centro do aprendizado.

Não são conceitos recentes; alguns tendo sido postulados por teóricos da Educação há muito tempo. Já no século passado, por exemplo, o pedagogo americano John Dewey (1859-1952) promovia a aproximação de teoria e prática – o “aprender fazendo” – como forma de tornar o aprendizado mais significativo e eficaz. Entretanto, como informa Suzy Vieira, coordenadora pedagógica do AB

Sabin, ainda há muitas escolas no Brasil que utilizam um modelo de ensino expositivo, fragmentado em disciplinas e protagonizado pelo professor.

“Porque sair da zona de conforto não é fácil”, diz Suzy. “Requer aprofundamento de gestão, planejamento complexo e, ao mesmo tempo, uma abertura para o não planejado”.

À primeira vista, uma roda de contação de história poderia ser um dos momentos de maior passividade dos alunos diante da professora (“Agora todo mundo quietinho para ouvir a história.”). Não é nem de longe o que acontece no Sabin e no AB Sabin. Como explica Dionéia Menin, coordenadora pedagógica da Educação Infantil do Sabin, toda atividade de leitura compartilhada envolve uma pré-leitura. “A professora sempre convida a turma a examinar o livro antes. ‘O que vocês acham dessa capa? Que história acham que é? Alguém já ouviu falar desse personagem?’”, exemplifica Dionéia.

A estratégia cumpre algumas funções: incentivar o interesse de todos na atividade, valorizar o que cada um traz para o grupo – essencial para que eles se sintam agentes do processo – e balizar a avaliação. “Se eu desprezo o saber prévio deles, não tenho como comparar o que eles construíram de novos conhecimentos”, diz a coordenadora.

Mas promover a participação ativa da turma também exige flexibilidade na condução das aulas. “No início do ano, a turma do Pré II estava estudando aves, e num dia um aluno trouxe de casa um jogo relacionado ao tema”, diz Suzy Vieira, do AB Sabin. “A professora não teve dúvidas: saiu do planejado para aquele dia e incorporou o jogo na aula”.

Por outro lado, diz a coordenadora, planos não podem ser descartados de todo; há expectativas de aprendizagem a se atingir, ainda que os alunos demandem da professora antecipar conteúdos previstos para mais tarde ou lidar com novos conteúdos. Preservar os objetivos da série, valorizando o centro de interesse dos alunos, é o desafio.

“Não é simples, mas é muito mais rico, porque cria uma atmosfera de valorização do conhecimento desde cedo, que vai além do currículo básico”, diz Mônica Mazzo, diretora do AB Sabin.

Vai além, também, da divisão do conhecimento em disciplinas. Mais que uma estratégia didática, a interdisciplinaridade decorre da visão do aprendizado como uma construção de conhecimento a partir de experiências concretas com o mundo. “Um mesmo tema gerador dá margem para diversos questionamentos”, diz Dionéia Menin. O conto da *Chapeuzinho Vermelho*, exemplifica a coordenadora, motiva descobertas de linguagem, mas também de Matemática (“Quantas frutas amarelas tem na cesta da Chapeuzinho?”), de Ciências (“Quem sabe quais dessas frutas têm sementes?”), de Alimentação (“Vamos experimentar?”), etc.

O mesmo raciocínio vale para as aulas sobre Pernambuco do Maternal I do AB. “É importante salientar que, mesmo que uma aula específica seja de Língua ou de Natureza e Sociedade, a professora e nós, gestoras, estaremos sempre olhando para todas as oportunidades de aprendizado. Pois, cada vez mais, procuramos utilizar formas diferentes de construir o conhecimento em sala de aula, aprendendo de maneira colaborativa, potencializando competências e desenvolvendo novas habilidades”.

Qualidade material

Novo material didático de Ciências promove abordagem investigativa, empolgando alunos e professoras do Fundamental I.

Oi, Rô! Bom dia!

Rô, esta semana a Lorena chegou superempolgada com uma atividade que fez. Trata-se de duas bexigas. Uma com água e outra com areia. Ela me explicou a diferença dos materiais e formas. Entendo que, com esse método, as crianças possam desenvolver as atividades de uma forma prática e real. Parabéns!

Prof^a Rosely,

o Arthur chegou em casa esta semana reproduzindo a aula de Ciências plenamente. Contou do experimento com balões, água e areia. Contou que tudo contém água: lágrima, sangue, partes do corpo. A aquisição dos conceitos foi muito boa. Bjs.

Rosely Markarian já havia recebido cartas com elogios e agradecimentos de pais de alunos, antes. Mas a resposta ao experimento que fez com a turma do 1º ano do Fundamental do Sabin, em fevereiro, para verificar que a água em estado líquido assume a forma de qualquer recipiente – um copo, uma garrafa, uma bexiga – deixou claro que algo de especial havia acontecido naquela aula.

Era um sinal auspicioso de que o novo material didático adotado para as aulas de Ciências do 1º ao 3º ano do Fundamental daria bons resultados. Se a empolgação dos alunos já havia sido evidente em uma atividade com recursos relativamente simples – bexigas, um funil de plástico, água e areia –, a expectativa da equipe para outros experimentos mais complexos, envolvendo modelos, réplicas, instrumentos de laboratório, substâncias químicas e até seres vivos, era compreensivelmente alta. E, concluído o primeiro trimestre letivo do ano, a satisfação geral era prova de que tal expectativa havia sido justificada.

O novo material didático de Ciências utilizado a partir deste ano é produzido pela empresa Experimenta, criadora do programa educacional CTC – Ciência e Tecnologia com Criatividade, adotado em mais de 400 escolas de 16 estados do Brasil. Segundo a coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I do Sabin, Dionéia Menin, o Colégio já vinha revendo seu projeto de Ciências há alguns anos, para enfatizar o papel da curiosidade e da investigação no aprendizado científico, e o programa CTC alinhava-se perfeitamente a essa visão.

“Em 2015, fizemos um primeiro movimento, de nomear, entre nosso corpo docente, uma assessora específica para Ciências, a professora Adriana Alonso”, relata a coordenadora. “Desde então, ela foi se aprofundando no tema da alfabetização científica, reunindo-se com Leandro Holanda e Aymar Macedo [assessores de Ciências do Fundamental II e de Biologia do Médio, respectivamente] e revendo as expectativas de aprendizagem dos planos anuais de cada série, inclusive para antecipar alguns conteúdos que só viriam mais tarde”. Para transformar um ensino mais expositivo em um processo mais instigante de construção do conhecimento, no entanto, só intenção e método não bastam; é necessário também um material adequado. É aí que entra o CTC.

“O material do CTC é impecável”, elogia Adriana Alonso. A assessora se refere à qualidade física de microscópios, lupas, réplicas de partes do corpo humano, luvas, vidraria de laboratório e demais instrumentos desenvolvidos pela Experimenta – todos adequados à faixa etária dos alunos, em conformidade com indicadores de segurança –, mas não só. Também os livros utilizados pelo programa adotam uma abordagem investigativa, partindo de situações-problema para motivar experimentos que vão desenvolver os conteúdos planejados. E sempre valorizan-



Bexigas, réplicas, modelos e até seres vivos: a sala de aula como laboratório.



do o conhecimento prévio que os alunos trazem sobre o assunto; conhecimento que eles, então, põem à prova na prática, para confirmar ou descartar suas hipóteses iniciais.

É o caso do experimento do feijão que a turma do 2º ano fez no primeiro trimestre. Após deixar caroços de feijão de molho, os alunos abrem ao meio cada caroço e os examinam com uma lupa. Não sem antes discutirem em grupo o que acham que vão encontrar. As fichas de registro da atividade falam por si, trazendo lado a lado desenhos rudimentares de sementes com interior compacto (“Eu imaginava assim”) e esquemas bem mais fiéis do interior de uma semente, na qual se pode ver, com a lupa – surpresa geral –, a estrutura de uma planta ainda por nascer, com raiz, caule e folha jovens (“O que observei na semente por dentro”).

Dionéia Menin também aponta vantagens pedagógicas associadas à logística de entrega e de devolução dos materiais utilizados pelo programa: “Vamos recebendo os materiais nas quantidades exatas e nos momentos necessários, de acordo com o planejamento – algo muito conveniente quando se trata de seres vivos, como minhocas ou plantas, por exemplo”, diz ela. “E uma

vez realizados os experimentos, a empresa cuida do descarte ambientalmente correto dos consumíveis, como matérias orgânicas e substâncias químicas”.

“É tudo feito com muita seriedade”, diz Adriana. “Isso motiva não só os alunos como nós mesmas, professoras”. Exemplo disso, segundo a assessora, é o rigor no uso do vocabulário científico correto – algo muito importante para educadores do Ensino Fundamental, que costumam ter formação mais forte em Pedagogia como um todo do que em uma ou outra ciência específica, como os especialistas do Ensino Médio. “O 3º ano estuda a formação geológica da Terra e as atividades de vulcões. Se antes uma professora poderia dizer que a Terra ‘se abre’, agora ela tem o cuidado de falar que ‘ocorre uma fissura na crosta terrestre’; e passa a frisar a diferença entre magma e lava, que é o magma após ser expelido do vulcão, por exemplo”, diz a assessora.

Com as próprias mãos

Inspirados na cultura *maker*, projetos de Ciências dão concretude e significado ao aprendizado.

Eis alguns números desoladores: segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 15% da cobertura vegetal original do Pantanal e da Amazônia já foram destruídos pelo homem. Caatinga e Cerrado, por sua vez, já perderam cerca de 50% de suas paisagens nativas. E da Mata Atlântica, hoje, só restam pouco mais de 10% não desmatados.

Seja pela distância, seja pela triste realidade ambiental do País, estudar os biomas brasileiros em suas condições originais, em uma escola de São Paulo, às vezes parece quase um exercício de abstração. Contudo, nas aulas de Ciências do 6º ano do Ensino Fundamental do Sabin, a professora Gizele Gasparri fez uso de um recurso para tornar mais concreto o contato dos alunos com o tema. São dioramas, maquetes elaboradas dos diferentes biomas do Brasil, com direito a iluminação especial e sons de animais nativos, acionados interativamente pelos usuários. Com um detalhe: eles estão sendo fabricados pelos alunos, com suas próprias mãos, utilizando ensinamentos de artesanato, eletrônica e biologia.

A atividade é parte de um projeto mais amplo que a equipe de Ciências do Fundamental II implementou neste ano, inspirado no Movimento *Maker* – um conjunto de ideias que incentiva as pessoas a criar, construir, consertar ou aprimorar objetos e utensílios por conta própria, por meio de tecnologias acessíveis ao leigo. No campo da Educação, especialmente, essa cultura do “faça você mesmo” tem revelado excelentes oportunidades, servindo como estratégia para aproximar teoria e prática, fomentar aprendizados instigantes e significativos e promover habilidades socioemocionais, como criatividade, resiliência e espírito colaborativo.

Coordenado pelos professores Leandro Holanda e Paulo Fontes, assessores de Ciências e de Tecnologia Educacional, respectivamente, o projeto está sendo posto em prática nas turmas de 6º e 8º anos por Gizele, e na turma do 7º ano pelo professor Rafael Paiva. A equipe conta ainda com a ajuda de profissionais da empresa Nave à Vela, especializada em implementar espaços e dinâmicas *maker* em escolas (anteriormente chamada de Caos Focado, a empresa já contribuiu com o Sabin na for-

mulação do currículo do curso de Robótica do programa Sabin+Esportes&Cultura).

A definição dos temas de cada série foi o primeiro passo: o 6º ano ficou com os biomas brasileiros, o 7º ano vai desenvolver dispositivos para a produção de alimentos fermentados e o 8º ano vai desenvolver soluções para controle de mosquitos vetores de doenças, como o *Aedes aegypti*. “O processo vai tomar em torno de dois a três meses, em cada série”, diz Leandro. “São algumas aulas teóricas sobre os temas, com pesquisas e discussões para os alunos entenderem a natureza dos problemas estudados; algumas oficinas de habilidades técnicas, como artesanato, eletrônica, programação, marcenaria e até costura; e o restante das aulas para a prototipação e fabricação dos produtos finais de cada turma”. Em todos os casos, o projeto ultrapassa o modelo expositivo de aulas para engajar o aluno no processo de construção do conhecimento – literalmente.

Segundo o assessor de Ciências, a interdisciplinaridade é uma das primeiras vantagens pedagógicas de uma cultura *maker* na escola.

“Essa cultura enfatiza os campos do conhecimento chamados de STEM, que são Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (*Science, Technology, Engineering, Math*, em inglês)”, explica Leandro. “Para construir algo com madeira, por exemplo, o aluno precisa fazer cálculos relacionados à Geometria, como área e volume, antes de cortar as faces de cada peça; para construir um sensor que borriфа inseticida

em intervalos de tempo, ele precisa saber de eletrônica e programação. E a tudo isso ele precisa aplicar o conhecimento científico que está vendo na aula”. A integração de saberes em busca de um objetivo, diz ele, dá ao aprendizado maior sentido.

Leandro nota, ainda, que já há quem considere mais apropriado falar em STEAM, incluindo no grupo de saberes um “A”, que representaria Arte e *Design* – o lado criativo e estético do processo.

Na confecção dos biomas do 6º ano, os alunos da professora Gizele utilizaram arame, *biscuit*, tinta acrílica e flocos de espuma para fazer troncos e copas das diferentes espécies de árvore em miniatura. Os sons da fauna são acrescentados por meio da ferramenta Makey Makey – um kit formado por uma placa de circuito, garras jacaré e um cabo USB, que, conectado a objetos condutores de eletricidade, transforma-os em sensores que acionam comandos ao toque, como um botão de mouse. (Já o 7º e o 8º anos trabalharão com a placa Arduino, um pouco mais complexa que a Makey Makey.)

São materiais e ferramentas simples, como se vê, mas as tarefas não deixam de ter seus desafios. Primeiro, o desafio da criação propriamente dita – o que fazer, por exemplo, para solucionar o problema dos mosquitos? Fabricar uma armadilha elétrica? Costurar telas de filó? Produzir um líquido à base de citronela? A resposta cabe aos próprios alunos.

Depois, há o processo de desenvolvimento da ideia, que envolve tentativa e erro. E, pela filosofia *maker*, o erro não desmotiva. Pelo contrário, como revela o relato de Gizele: “Eu via alunos com dificuldade para manusear o arame, para aplicar o *biscuit*, passavam uma aula inteira tentando, tentando. Mas me diziam: ‘Eu vou fazer’. Aos poucos viam um tronco tomando forma, algo que eles tinham construído do zero. Eles ficavam superempolgados, e aí o aprendizado ganhava concretude. ‘Essa árvore tem uns galhos tortuosos, deve ser do Cerrado, né? Essa outra comprida é da Amazônia’”. No fazer dos alunos, era como se biomas ameaçados e saber ganhassem vida.

Mas, para além do conteúdo escolar em si, a professora aponta outro aspecto que considera essencial da cultura *maker*: “Somos uma geração consumista, acostumada a comprar tudo pronto. Isso embota a criatividade e nos limita. Nesse sentido, essa cultura traz independência e amplia nossas possibilidades. Preciso de alguma coisa, vou lá e faço”.



Alunos do 6º ano constroem dioramas dos biomas brasileiros: aprendizado com mão na massa.



Olhando para a frente

Mesmo com bons resultados, professores do Médio pensam em como ser melhores educadores.

O que você faria se você coordenasse uma equipe de professores bastante qualificada, dispusesse de excelente infraestrutura e material didático, lidasse com um grupo de alunos de alto potencial cognitivo e ainda tivesse os números de aprovações em vestibulares para comprovar a eficiência da sua proposta pedagógica? Você poderia, com razão, comemorar os resultados. Ou, se você for como Áurea Bazzi, coordenadora do Ensino Médio do Colégio Albert Sabin, você pensaria no que fazer para melhorar.

No último vestibular, 112 dos 133 concluintes do Sabin em 2016 – 84% da turma – foram aprovados em pelo menos uma faculdade, a grande maioria (70%) em mais de uma. Metade (67 alunos) conseguiu vagas em universidades públicas, e só na USP foram 25, cinco dos quais em cursos da concorrida Escola Politécnica, e um primeiro lugar, no curso de História. “Sem dúvida, foram resultados excelentes”, avalia a diretora pedagógica do Sabin, Giselle Magnossão.

Áurea concorda com a diretora, mas não se dá por satisfeita. Ainda que ela saiba que os números se devam, em parte, à competência e à qualificação de seu corpo docente (*v. quadro*), a coordenadora acredita que pode extrair ainda mais da equipe de professores, para que estes, por sua vez, contribuam ainda mais para o desenvolvimento de seus alunos. “É uma constante no Sabin essa vontade de evoluir sempre, de não ficarmos parados, complacentes pelos bons resultados”, diz Áurea, que desde o início do ano está determinada a “dar uma chacoalhada” na equipe: “Estamos estimulando reflexões que promovam novas estratégias didáticas, novas atitudes em sala de aula, tudo para responder a uma pergunta fundamental: como nos tornar melhores educadores?” E a primeira providência, segundo ela, é ceder o centro da cena para o ator mais importante da aula: o professor como coadjuvante, o aluno como protagonista.

“É um fato: a geração atual de jovens é efetivamente diferente das anteriores”. Áurea está se refe-

rindo à dificuldade de concentração e à ansiedade comumente atribuídas aos chamados *millennials*, que têm impacto direto no rendimento do aluno em sala de aula. Mas não só. “Eles são perspicazes, muito espertos e muito rápidos, e têm vontade de fazer coisas, de produzir”, diz a coordenadora. Nesse sentido, argumenta, o desafio para o professor de hoje não é que ele não consiga mais, como antes, engajar o aluno em sua aula; é que ele tem de fazer por onde.

Foi para ajudar os professores nessa tarefa que a Coordenação reuniu a equipe, em janeiro, e passou orientações que podem fazer a diferença. Medidas concretas como reduzir o tempo de explanação na aula e propor mais atividades para os alunos: listas de exercícios, minissimulados, pesquisas, experimentos práticos, *games* educativos. “Tem professor que sabe muito sobre o assunto, e fala bem, e encanta a turma com seu jeito de dar aula, mas que deixa o aluno numa posição passiva, de plateia”, diz Áurea. “O que queremos não é só professores que saibam muito, mas também que motivem o aluno a exercitar o seu próprio saber, as suas descobertas. O bom professor não é ídolo, é *personal trainer*”.

Outra recomendação da Coordenação foi a de que os professores tratassem de pesquisar estratégias didáticas mais eficientes. “Pedimos que eles façam cursos, assistam a tutoriais, consultem nosso assessor de Tecnologias Educacionais, Paulo Fontes, sobre novos recursos, acompanhem aulas uns dos outros, observem como cada um compõe as anotações na lousa durante a aula”, diz a coordenadora. “E que compartilhem essas informações entre si. Precisamos dessa troca”.

Um bom exemplo dessa iniciativa se deu ainda em janeiro, quando o grupo de assessores de Biologia, História, Matemática, Português e Química do Ensino Médio participou de um curso da Fundação Getúlio Vargas (FGV) sobre Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL, na sigla em inglês), metodologia cada vez mais respeitada no meio educacional. Pela abordagem tradicional, o professor diz o que o aluno deve aprender, pede a ele que memorize e depois passa exercícios aos quais é preciso aplicar o novo conhecimento. Pela abordagem PBL, o professor primeiro passa um problema; com sua ajuda, o aluno deve identificar o que

precisa saber para resolvê-lo e então vai atrás desse conhecimento. A diferença é enorme: não só o aprendizado tem mais significado (“para quê aprendo isso?”), como é mais instigante e percebido pelo aluno como uma realização sua.

E não é só no campo cognitivo que o professor pode se aprimorar. Uma das iniciativas mais relevantes do Colégio neste ano, na opinião de Áurea, foi a de estender o trabalho de formação em Educação Moral que era feito no Ensino Fundamental para o Ensino Médio. Desde fevereiro, professores do Médio se reúnem mensalmente com a psicóloga Flávia Vivaldi, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (Gepem), para aprender como suas atitudes em sala de aula são tão importantes quanto seu conhecimento técnico.

“A ideia é ressaltar a necessidade de um olhar mais generoso e reflexivo do professor para com o aluno”, diz Áurea. “Professores do Ensino Médio são especialistas em suas disciplinas; mas, acima de tudo, são educadores. Não adianta só ensinar Física e não ter o cuidado de promover um ambiente de respeito em sala de aula. Isso começa com o próprio professor”.

Além disso, a ideia de trabalhar com os professores uma formação específica sobre o desenvolvimento de competências socioemocionais nos alunos também está nos planos do Ensino Médio do Sabin para este ano, segundo Áurea. É mais uma mostra da inquietação de um Colégio que já tem muito o que comemorar, mas que jamais ficará parado.

RAIO-X DO ENSINO MÉDIO SABIN

33 PROFESSORES

- 90% graduados em universidades públicas
- 67% pós-graduados
- 55% mestres
- 12% doutores

464 ALUNOS

- 80% dos alunos do Médio vêm do Fund. II do Sabin.
- 20% vêm de escolas particulares de qualidade.
- 39% dos professores dão aula no Fund. II do Sabin.

GRADE SEMANAL

Período	Série	Aulas/semana
Regular	Todas	35
Contraturno	1ª e 2ª	até 13 aulas a mais ⁽¹⁾
Contraturno	3ª	até 30 aulas a mais ⁽²⁾

(1)
• Módulos de Aprofundamento: 3 dias/semana.
• Aulas de Apoio: para qualquer aluno tirar dúvidas.
• Programa Especial de Estudos: para alunos com dificuldades.

(2)
• Módulos de Aprofundamento: 5 ou 6 dias/semana.
• Plantão de Dúvidas: para qualquer aluno tirar dúvidas.
• Mais Foco: para alunos que querem ir além no conteúdo.
• Oficina de Produção de Textos: para qualquer aluno.
• E ainda (outras oportunidades pontuais):
- 2 opções de Saídas Pedagógicas por turma (1ª e 2ª séries);
- Curso de Linguagem Arquitetônica e Programa de Férias (3ª série);
- Aulas-Tema, Cine Fórum, Cursos de Férias, Olimpíadas Acadêmicas, Sabin+Esportes&Cultura (todas as turmas).

INFRAESTRUTURA E MATERIAL DIDÁTICO

- 13 salas de aula (todas com recursos multimídia).
- 3 laboratórios: Biologia, Física e Química.
- Livros didáticos de notória qualidade de autoria e conteúdo.
- Apostilas do Sistema Poliedro (Módulos de Aprofundamento).

ÍNDICES DE LEITURA (literatura)

SÉRIE	LIVROS / ANO
1ª	06
2ª	12
3ª	14



A professora Maju Araújo canta e seus alunos a acompanham.

Singing along

Nas aulas de Inglês, as diversas utilidades da música como instrumento de ensino e aprendizado.

A cantoria começa logo nos primeiros minutos da aula de Inglês.

“Hello! Hello! Hello! How are you? I’m fine, I’m fine. I hope that you are too!”, entoa a professora Maria Júlia (Maju) Araújo, saudando os alunos do 1º ano do Fundamental, como de hábito. Não demora, ela canta outra, que serve de deixa para todos sentarem em seus lugares: “Everybody sitting down, sitting down, sitting down”. Até o fim da aula, ela cantará mais algumas de uma *set list* conhecida pela classe, terminando com a *Bye Bye Song*.

“Na Educação Infantil e nos primeiros anos do Fundamental, usar músicas nas aulas é essencial”, diz Maju, que tem alunos de 6 a 14 anos no Sabin. Segundo a professora, o uso de músicas de comando ajuda a estabelecer as rotinas nas aulas – hora de sentar, de fazer exercícios, de se despedir –, algo que, para crianças pequenas, é pedagogicamente necessário. Também é infalível para chamar a atenção da turma: “Se eu segurar quatro lápis e perguntar quantos são, nem todos podem estar atentos. Mas se eu começar a cantar: ‘Pencils, pencils, how many pencils can you see?’, toda a classe vai olhar para mim e responder ‘Four’”, diz Maju.

O uso da música não é só de ordem pragmática. Como explica a assessora de Inglês Renata Cunha, a exposição de conteúdos por meio da música é estratégia das mais eficientes: “A música facilita a memorização, e pela repetição eles vão sendo expostos a vocábulos, pronúncias, ritmos, estruturas sintáticas”, diz. “Mesmo que não per-

cebam e nem usem esse conteúdo fora da música, aquilo vai alimentando um repertório que, mais adiante, eles vão utilizar”. Além disso, como lembra Maju, muitas crianças são cinestésicas – fixam melhor novos conhecimentos se os associarem a movimentos –, que é o que ocorre com as chamadas *action songs* (“músicas de ação”), que têm coreografias específicas, como a conhecida *Head, Shoulders, Knees and Toes*.

Mas os pequenos não são os únicos a se beneficiar das músicas. Segundo a professora e assessora de Inglês Margaret (Maggie) Gatto, cantar junto é uma forma de estimular alguns alunos a vencer a timidez que costuma aparecer na adolescência. E, se os mais novos trabalham com mais peso a escuta e a oralidade, mais tarde as músicas são ótimas para fixar também a leitura e a escrita. “Eu passo a letra de uma música com lacunas, para eles ouvirem e preencherem”, diz Maggie. “*I Still Haven’t Found What I’m Looking For*, do U2, por exemplo, é ótima para trabalhar o *present perfect*, se você deixar lacunas nos verbos”.

O exemplo também indica a mudança no repertório musical das aulas. “As músicas dos livros didáticos vão ficando ‘bobas’, e eles passam a trazer as que eles ouvem normalmente. Isso é ótimo, porque o centro de interesse da aula fica no aluno”, diz Maggie. “Nós aproveitamos a maioria das sugestões. Algumas servem para trabalhar tempos verbais; outras, para exercitar pronúncias. Outras ainda servem como temas de discussão, e assim vai”.



Por uma escola ativa

O que significa o conceito e como o Sabin preenche seus pré-requisitos.

Para que serve a Educação Física? Respostas a essa pergunta não são difíceis de achar. A começar pela promoção da saúde, talvez a primeira razão que venha à cabeça da maioria. Afinal, não só a prática de atividades físicas reduz o risco de doenças associadas ao sedentarismo, como a promoção de uma rotina ativa *durante a fase escolar* ainda é a melhor forma de estimular estilos de vida saudáveis na fase adulta.

Aos benefícios à saúde, poder-se-iam acrescentar, também, relações positivas que a Neurociência tem encontrado entre a prática de atividades físicas, as funções cognitivas e o desempenho escolar, ou a visão de que práticas corporais fazem parte de um patrimônio cultural que cabe à escola apresentar ao aluno.

Ainda são poucas as escolas no Brasil, porém, que fundamentam sua oferta de Educação Física pelo conceito de “Escola Ativa”. O conceito é tema de pesquisa conduzida pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que assim o definem: espaço “voltado ao desenvolvimento humano, entendido como processo de ampliação das capacidades e consequentemente das possibilidades de escolha das pessoas”. No contexto de uma escola ativa, a Educação Física não é vista apenas como um meio de promover saúde ou habilidades cognitivas, mas também como um fim em si mesma, porque o mover-se corporalmente da criança é, em si, um ato de conhecimento, um exercício que lhe revela o que ela é capaz de fazer no mundo e com o mundo. Uma expansão de suas possibilidades.

A partir de análise quantitativa abrangendo quase 120 mil escolas, especialistas do PNUD e do Inep identificaram as bases materiais (infraestrutura, recursos humanos,

etc.) e imateriais (política pedagógica, currículo, etc.) de uma escola ativa, listadas em um *Caderno de Desenvolvimento Humano sobre Escolas Ativas no Brasil*, de 2016. Um documento que tem servido de parâmetro para o professor e coordenador do programa Sabin+Esportes&Cultura, Paulo Rogério Vieira, avaliar o trabalho do Sabin em relação ao tema. Ele tem se mostrado satisfeito.

“Estamos alinhados com quase tudo que eles consideram pré-requisitos de uma escola ativa”, diz Paulo. “Por exemplo, explicitar um compromisso com o aprendizado de práticas corporais e advogar a favor delas tanto dentro como fora do currículo. Nós temos Esportes e Cultura como um dos eixos *fundamentais* de nossa proposta, e o Sabin+Esportes&Cultura é todo extracurricular”.

O professor cita também a presença de estrutura física, materiais didáticos e recursos humanos suficientes e com formação adequada – inegáveis no Sabin –, além do estabelecimento de metas e avaliações regulares sobre o ensino das práticas corporais. “Do Maternal ao Médio, trabalhamos com base em expectativas de aprendizagem, que são avaliadas ao longo de todo o processo”.

Também relevante é a oferta de oportunidades *diversificadas*, que fomentem a autonomia e a *liberdade de escolha* dos alunos em seu envolvimento com as atividades físicas – algo evidente não só nas 11 modalidades esportivas do Sabin+Esportes&Cultura como nas aulas regulares de Educação Física, que vêm abrindo espaço para esportes menos tradicionais, como o *badminton*, o *frisbee* ou o taco.

“No Sabin, como em uma escola ativa, o esporte não é tratado como atividade que por acaso acontece dentro da escola; é disciplina com saberes próprios, necessária para a promoção da autonomia e do desenvolvimento integral dos alunos”, diz Paulo.

Craques na bola e na escola

Pai de alunos do Sabin ajuda atletas do clube Pequeninos do Jockey a superar a carência fora de campo.

Professor, na gíria do futebol, é como a maioria dos jogadores costuma se referir ao técnico. Naquele sábado, garotos do Pequeninos do Jockey, clube de São Paulo que atua somente nas categorias infantis, vestiam o tradicional uniforme vermelho e branco e as chuteiras, enquanto ouviam as palavras do professor. Dali a pouco, estariam em campo para mais uma partida. Mas, em vez de uma preleção tática, o professor dava uma aula de Matemática. Estranho?

Não para os Pequeninos. Desde fevereiro, nos fins de semana, a rotina deles é essa. Antes ou depois das partidas, eles têm aulas de reforço escolar graças ao **Projeto Vektor**. A ação é patrocinada por Fernando Ferreira Leite, cujos filhos, Henrique e Guilherme, alunos do Sabin, participam da escola de futebol do clube. Fernando teve a ideia de criar o projeto no dia em que assistia a uma partida dos filhos e viu um dos jogadores sair de campo passando mal. Preocupado, foi ajudar e ficou chocado



Conheça o trabalho do Projeto Vektor: www.projetosocialvetor.com.br

ao descobrir a razão do problema: o menino tinha fome. “Aquilo me despertou para uma realidade cruel”, lembra Fernando. “Escolinhas de futebol, em geral, são fábricas de ilusão. Pouquíssimos conseguem se tornar jogadores profissionais”. Fernando se refere a uma estatística chocante: de 100 garotos que tentam carreira nos gramados, somente um chega lá. Esse vestibular concorridíssimo tem efeito devastador na vida de meninos humildes e de suas famílias, que investem o pouco que têm na chance de ascender por meio do esporte. No geral, os garotos mais

promissores são convidados a integrar o time das escolinhas de futebol. Não pagam mensalidade em troca do talento com a bola. “Eles acabam abandonando o estudo ou o deixando em segundo plano, para se dedicar ao máximo ao esporte. E aí chegam à vida adulta sem, na maioria dos casos, realizar o sonho da bola e sem estudo”.

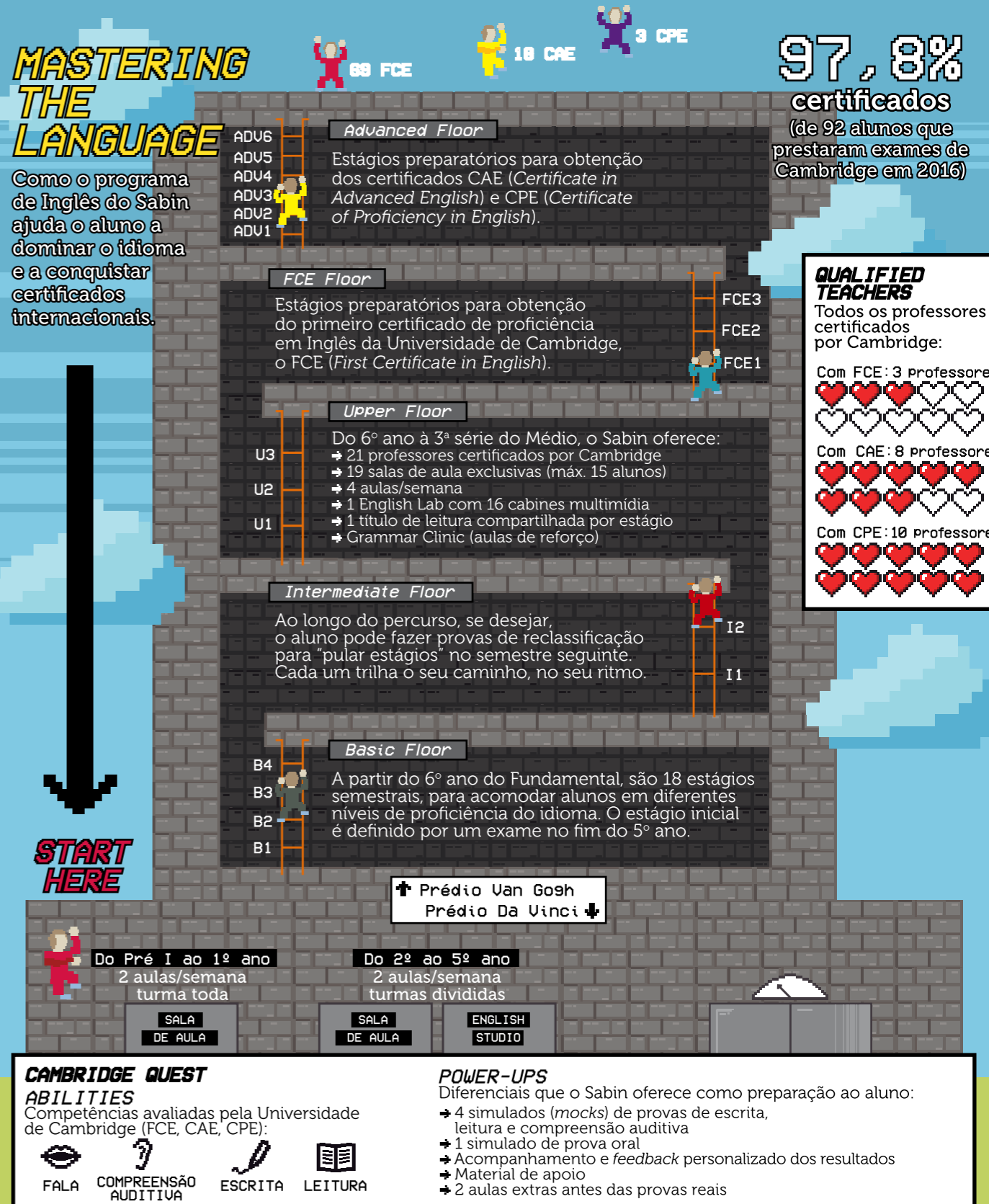
Para driblar esse destino, Fernando montou o Projeto Vektor. A ideia é fazer com que a garotada que bate um bolão em campo não perca o jogo fora dele. “Quero mostrar que o que vai fazer a diferença na vida deles é o estudo”, diz. O Vektor atende 30 crianças entre 10 e 11 anos, todos jogadores do Pequeninos do Jockey. As aulas, aos sábados e domingos, acontecem numa sala do próprio clube. Fernando se encarrega de ministrar Matemática, Lógica, Raciocínio e Português. As aulas de Inglês estão a cargo de Gabriela Marcotti, ex-aluna do Sabin, que sempre participou das ações sociais promovidas pelo Colégio em seu tempo de estudante. Ao conhecer o projeto, Gabriela quis participar na

hora. “É gratificante ensinar algo novo aos garotos”, diz ela. “É uma troca, porque estou aprendendo muito com eles”.

O projeto ainda está no começo, mas o placar já é positivo. Segundo Fernando, o melhor jogador de uma das turmas atendidas pelo Vektor era o que tinha o pior boletim escolar. Um mês depois de iniciadas as aulas de reforço, a mãe do craque foi chamada à escola. “Queriam saber o que tinha acontecido; o desempenho escolar do garoto havia dado um salto de qualidade”, diz Fernando, que espera comemorar muitos gols como esse.

MASTERING THE LANGUAGE

Como o programa de Inglês do Sabin ajuda o aluno a dominar o idioma e a conquistar certificados internacionais.



! Para efeito de comparação, os exames TOEFL avaliam leitura e compreensão auditiva e têm validade de 2 anos. Já os certificados de Cambridge não expiram.

Grafite: falência do Estado

Originado na década de 1970, em Nova York, nos Estados Unidos, o grafite popularizou-se como expressão artística e política de jovens marginalizados pela sociedade. Essa popularização, no entanto, intensificou o viés transgressor da arte urbana, uma vez que, por ser considerado instrumento acessível para a manifestação cultural de classes menos favorecidas, o governo negligenciou a importância de conter sua expansão. Não é razoável, contudo, que, em um país que se diz Estado democrático de direito, seja aceito o caráter vândalo e criminoso do grafite.

O direito à propriedade é assegurado, no Brasil, tanto pela Constituição Cidadã, de 1988 – artigo 5º, incisos XXII e XXIII –, como pela Declaração Universal de Direitos Humanos, de 1948 – artigo XVII. O grafite, como expressão político-artística, na maioria dos casos desrespeita tal garantia, de modo que banaliza a importância da propriedade para a sociedade capitalista, sem levar em conta a alteridade e o respeito à outra parcela da população, contrária ao vandalismo. Não só há o descumprimento de dever essencial – assegurar o direito civil fundamental a todos –, como há a desvalorização do Princípio da Dignidade da Pessoa Humana, embasado em teorias do filósofo alemão Immanuel Kant (*Fundamentação da Metafísica dos Costumes*): todo ser humano que constrói sua vida de modo digno deve ter garantidos pelo Estado seus direitos e deveres, para que possa almejar a conservação de suas conquistas – no caso, a preservação da propriedade.

Grafitadores e pixadores, em sua maioria, consideram seus trabalhos não autorizados legítimos, argumentando



Cláudia Keler de Oliveira
é aluna da 3ª série do Ensino Médio.

“Mesmo como expressão artística, o grafite, não sendo autorizado, é vandalismo.”

pela liberdade de expressão para a parcela desvalorizada, visão que deve ser desconstruída. Em primeiro lugar, não são apenas jovens marginalizados os praticantes da arte urbana. Segundo a paranaense Elisabeth Seraphim Prosser, historiadora social da Arte, o perfil dos artistas urbanos já não pode ser generalizado; grande parte é de classes favorecidas e com Ensino Médio ou Superior completo. Em segundo lugar, a arte pode ser transgressora, desde que não infrinja leis e direitos: no Brasil, grafite não autorizado é crime (artigo 65 da Lei 9.605/98), e deve haver punição, o que, infelizmente, não ocorre na maioria dos casos. Por fim, a liberdade de se expressar deve ser respeitada, desde que não provoque danos morais, físicos ou à imagem, e, por isso, a arte urbana não autorizada, nesse contexto, não pode ser aceita como manifestação legítima e legal.

Em vista disso, o grafite, como expressão artística, só deve ser tolerado caso seja autorizado, como previsto pela Constituição. À medida que infringe e desrespeita leis e direitos civis, deve haver punição para seus praticantes. Não é à toa que a maior parte dos pixadores prefere atuar também no anonimato. A arte como discurso transgressor não pode ser entendida como legítima em sua totalidade, uma vez que a manifestação artística urbana não autorizada, em qualquer propriedade, é incoerente com a forma de organização do Estado brasileiro – democrático e fundamentado em direitos e deveres – e com sua máxima (Princípio da Dignidade da Pessoa Humana). O grafite, portanto, não sendo autorizado, é vandalismo.

manifestação artística urbana não autorizada, em qualquer propriedade, é incoerente com a forma de organização do Estado brasileiro – democrático e fundamentado em direitos e deveres – e com sua máxima (Princípio da Dignidade da Pessoa Humana). O grafite, portanto, não sendo autorizado, é vandalismo.

Direito à cultura e à cidadania

A arte da pixação e do grafite surgiu em um cenário pós-Segunda Guerra Mundial, em uma sociedade autodestrutiva, como uma forma de questionar e confrontar esse meio social. Populares entre os jovens, o pixo e o grafite tiveram seu auge nos anos 1980, quando começaram a se destacar como meio de expressão artística e social acessível a bairros periféricos, já que o ateliê desses artistas passou a ser a própria cidade. Seus praticantes definiram regras, estilos e técnicas para essa produção artística, contrapondo-a à imagem que muitos têm sobre ela, de algo anárquico, sem significado e sem valor.

Justamente por causa desse preconceito, a cultura de rua acabou dividida entre o pixo e o grafite. O pixo obteve a imagem de estar relacionado ao crime, pelo fato de seus praticantes atuarem de uma maneira mais agressiva e impulsiva com seus *sprays*, ao passo que o grafite passou a ser relacionado à arte contemporânea, por seu estilo mais detalhado e técnico.

Seja como for, pixar e grafitar fazem parte da identidade e das memórias de seus participantes, e por essa razão devem ser considerados manifestações culturais. Seu funcionamento tem como objetivo ocupar o espaço público para expressar as injustiças sociais ou deixar a marca de seu autor em um mundo efêmero. Ao representarem a cultura de um determinado coletivo, essas manifestações obterão o *status* de direito e logo farão parte do conjunto de ações que determinam a cidadania.

De acordo com o historiador e professor da Unesp (Universidade Estadual Paulista) Alberto Aggio,

o Estado deve “incentivar, promover, proteger e difundir a cultura em todas as formas e expressões”, o que é conhecido como política cultural. Tal política promoveria a aproximação entre a cultura e a cidadania, dois aspectos que servem de base para, no ano de 2017, um dos principais debates na cidade de São Paulo: a guerra contra a pixação e o grafite, declarada por seu prefeito.

Quanto a esse tema, é necessário explicar que a legislação vigente considera o ato de pixar como crime contra o patrimônio (Lei nº 9.605/98), e o Projeto de Lei nº 56/2005, recentemente sancionado pelo prefeito, prevê punição para quem pixar bens públicos e privados. Mas, ao mesmo tempo, a Constituição Federal, em seu artigo 215, diz que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”.

Assim, é preciso harmonizar os efeitos da lei com as manifestações sociais, pois o espaço em que todos convivem não pode ser limitado pela simples vontade de um governante. O espaço comum deve ser usado pelos pixadores e grafitadores, de acordo com a norma. As obras refletem a realidade da cidade, as injustiças sociais que seus autores podem estar sofrendo. O Poder Público, ao decidir pintar de cinza os trabalhos, está ignorando as formas de manifestação cultural, talvez levando a todos os cidadãos a falsa esperança de termos uma cidade limpa, sem considerar os demais problemas, talvez mais sérios, que São Paulo enfrenta.



Luiz Eduardo Pegoraro
é aluno da 3ª série do Ensino Médio.

“É preciso harmonizar os efeitos da lei com as manifestações sociais.”

Em conexão com a natureza

Degradação e ressurreição de um bioma e de uma cultura no Parque das Neblinas.

Os visitantes que chegam ao Parque das Neblinas, reserva de Mata Atlântica localizada na Serra do Mar, entre os municípios de Mogi da Cruzes e Bertioga, em São Paulo, são recebidos com copos de suco de cambuci e de suco feito do fruto da juçara, uma palmeira nativa. Mais do que refrescante gesto de boas-vindas, a oferta é ponto de partida para uma experiência de imersão. Um estímulo para que o visitante experimente, ao longo do passeio, as sensações que o contato com a natureza – essa conexão primitiva, do homem com sua terra – pode proporcionar.

Os alunos que hoje estão na 2ª série do Ensino Médio do Sabin passaram pela experiência no ano passado. O lugar é uma das duas opções de saída pedagógica oferecidas às turmas de 1ª série, que este ano ocorrerão em setembro. Para qualquer pessoa, porém, é um passeio imperdível. Trata-se da chance de conhecer um bioma ameaçado – a Mata Atlântica –, e o trabalho que é feito ali para conservá-lo, o que envolve não somente pesquisa, mas ações de engajamento com a comunidade local, o distrito de Taiaçupeba, que fica na entrada do Parque.

Com uma extensão de 6 mil hectares, a área abrigou, entre os anos 1940 e 1950, as atividades de uma carvoaria, o que degradou severamente a mata nativa. No fim dos anos 1960, a Suzano Papel e Celulose adquiriu a área para o plantio de eucalipto. Mas características próprias do lugar, aliadas à crescente legislação ambiental, fizeram com que a empresa abandonasse paulatinamente a ideia. “Com o passar dos anos, houve uma regeneração natural muito forte da Mata Atlântica, e a Suzano passou a enxergar outras oportunidades aqui, transformando a área numa reserva”, diz Michele Martins, coordenadora de visitas do Parque.

O Ecofuturo, entidade que administra diversos projetos socioambientais da Suzano, é responsável pela gerência



Suco de cambuci, típico da região. David Almeida, morador local e supervisor de área do Parque das Neblinas.

do Parque das Neblinas. Desde que abriu as portas, em 2004, a reserva já recebeu mais de 36 mil visitantes. Para eles, oferece trilhas a ser percorridas a pé ou de bicicleta, canoagem pelo cristalino rio Itatinga, que corta a região, *camping* e a oportunidade de experimentar delícias nativas, como os sucos e muitos outros quitutes preparados com ingredientes cultivados ali. O cardápio é obra de cozinheiras locais reunidas na empresa Natural da Mata. “Temos a preocupação de envolver a comunidade para aprendermos com ela e para ajudá-la a desenvolver negócios sustentáveis”, diz a coordenadora.

A gastronomia é um dos exemplos dessa troca. Outro é o trabalho de capacitação de mateiros e agricultores locais nas oficinas de manejo ministradas na reserva. Muitos dos participantes acabam se convertendo em guias do Parque. “Valorizamos demais esse conhecimento empírico que eles nos trazem e que complementa as pesquisas que desenvolvemos”, diz Michele.

Neste ano, proclamado Ano Internacional do Turismo Sustentável, eis mais um bom motivo, portanto, para se conhecer o Parque da Neblinas.

Visite o Parque das Neblinas:
www.ecofuturo.org.br/projeto/parque-das-neblinas
(11) 4724.0555 / 4724.0556